

**AS RELAÇÕES DE PODER EM FOUCAULT: LIMITES E  
POSSIBILIDADES NAS OBRAS *A ORDEM DO DISCURSO* E  
*VIGIAR E PUNIR***

**THE RELATIONS OF POWER IN FOUCAULT: LIMITS AND  
MEANS IN THE WORKS *THE ORDER OF DISCOURSE* AND  
*DISCIPLINE AND PUNISH***

**LAS RELACIONES DE PODER DE FOUCAULT: LÍMITES Y  
POSIBILIDADES EN LAS OBRAS *LA ORDEN DE DISCURSO* Y  
*VIGILAR Y CASTIGAR***

*Marlon Rodrigues Marques*<sup>1</sup>

**Resumo**

O artigo se propõe a discutir os limites e possibilidades do conceito de poder presente nas obras *A ordem do discurso* (1971) e *Vigiar e punir* (1975) do filósofo francês Michel Foucault. No transcurso da argumentação verifica-se que nas obras analisadas o teórico não apresenta uma definição única para o conceito uma vez que seu propósito é demonstrar que o poder está em constante mutação, ou seja, se apresenta de formas complexas e diversas ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Michel Foucault; relações de poder; *A ordem do discurso*; *Vigiar e punir*.

**Abstract**

The article is proposed when there is discussing the limits and means of the concept of present power in the works *A Order of Discourse* (1971) and to *Discipline and Punish* (1975) of the French philosopher Michel Foucault. In the course of the argumentation check that in the works when the theoretician was analysed he does not present the only definition for the concept as soon as his purpose is to demonstrate that the power is in constant change, in other words, it shows up in the complex and different forms along the time.

**Keywords:** Michel Foucault; power relations; *The Order of Discourse*; *Discipline and Punish*.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Membro do Laboratório de Economia e História da UFRRJ (LEHI).

## Resumen

El artículo propone discutir los límites y posibilidades del concepto de poder presente en las obras *El orden del discurso* (1971) y *Vigilar y castigar* (1975) del filósofo francés Michel Foucault. En el curso del argumento se verifica que en los trabajos analizados, la teoría no presenta una definición única para el concepto, ya que su propósito es demostrar que el poder está en mutación constante, es decir, presenta formas complejas y diversas a lo largo del tiempo.

**Palabras clave:** Michel Foucault; relaciones de poder; *El orden del discurso*; *Vigilar y castigar*.

## Introdução

O que é o poder? Como se constitui? Qual são suas consequências e efeitos? Essas perguntas têm sido vistas e revistas incansavelmente em épocas e sociedades históricas distintas. Atravessaram o século XVI pelas vias do pensamento de Nicolau Maquiavel. Perpassaram as cabeças do século XVII com Hobbes e Locke em um novo mundo emergente que se desdobrava da Revolução Inglesa. Chegaram ao século XVIII por via da crítica enfática ao absolutismo francês em Montesquieu e Rousseau. As questões em torno do poder e suas configurações invadem a época moderna perpassada pela Revolução Francesa e Industrial. Paira sobre as argumentações de Edmund Burke, Immanuel Kant, Friedrich Hegel, Alexis de Tocqueville, Stuart Mill e Karl Marx (WEFFORT, 2011).

De uma idealização das funções do príncipe para a manutenção do poder, até a teoria política revolucionária de Marx, todas as interpretações resguardam pontos seguros que nos servem e ensinam sobre as formas históricas e sociais de poder. Ao mesmo tempo, todas elas prescrevem-se com o tempo. Suas páginas vão mofando, ficando rasgadas e velhas. Todavia, nenhuma dessas teorias desaparecem por completo, ou mesmo são totalmente obsoletas, pois suas marcas históricas se estabelecem com tanta profundidade que, mesmo soterradas pelos entulhos do passado, estão lá: basta uma nova escavação.

É nesse manancial de contribuições, cuja lista apresentada anteriormente não representa sequer uma parcela mínima dos estudos, que estão inscritas as concepções de Michel Foucault.<sup>2</sup> Imerso na sociedade contemporânea, o filósofo construiu a ideia de

---

<sup>2</sup> Nascido em Poitiers, na França, o autor estudou no Lycée Henri IV e na École Normale Supérieure, também foi aluno da Universidade de Paris. Logo após sua graduação em psicologia, tornou-se professor

que é possível lutar contra os padrões de pensamento e comportamento, mas é inviável se libertar de todas as relações de poder (FERREIRINHA; RAITZ, 2010).

Na construção de seu pensamento, o filósofo francês se afastou da fenomenologia hegeliana, mas compartilhou com Jean-Paul Sartre as lutas políticas e uma nova concepção de intelectual (NORBERTO, 2011). Recusou o marxismo rígido do Partido Comunista, porém, convergiu com Louis Althusser para a necessidade de repensar o sujeito e seu caráter racional, tal como estava consolidado por René Descartes (MORAES, 2007). Em toda sua trajetória intelectual entre a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a estética da existência, denunciou a cultura ocidental aplicando a hermenêutica de Nietzsche (JULIÃO, 2017). Michel Foucault contribuiu extensamente e definitivamente em questões da modernidade como:

os processos que nos fizeram e nos fazem ser quem somos, seus mecanismos de assujeitamento e possibilidades de resistência e também os processos de subjetivação como efeitos e indícios de relações de poder-saber historicamente construídas (MARINHO; FERNANDES, 2017, p. 1-2).

Queremos nesse artigo investigar quais as contribuições de Michel Foucault sobre o tema do poder e suas várias faces. Utilizamos em nossa análise principalmente duas obras, a primeira *A ordem do discurso* (1971) situa-se em uma fase de transição do pensamento filosófico do autor em que se observam questões sobre a arqueologia do saber e a genealogia do poder. A segunda, *Vigiar e punir* (1975), se dirige mais especificamente à fase genealógica do filósofo. Para Martins e Amaral:

a genealogia das relações de poder em Foucault revela o modo como os saberes constituem redes de dominação, ressaltando os efeitos do poder dos discursos e das práticas sociais. Na genealogia, Foucault não restringe suas investigações a uma análise dos discursos, mas destaca também a problemática acerca das relações de poder na formação do conhecimento, na produção da verdade no campo das ciências e na institucionalização de práticas sociais. [...] As relações

---

assistente na Universidade de Lili. Em 1960 passou a lecionar na Universidade de Clermont-Ferrand e um ano depois publicaria sua primeira obra *História da loucura na Era Clássica*. O filósofo trabalhou em várias universidades em países como os Estados Unidos, Suécia, Alemanha e Tunísia. Entre 1970-1984 ocupou a cátedra de História dos Sistemas do Pensamento no Collège de France. Publicou obras como *História da loucura*; *O nascimento da clínica*; *As palavras e as coisas*; e *História da sexualidade*. Para outras informações, ver: ERIBON, Didier. *Michel Foucault – 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

entre saber e poder podem marcar a passagem da arqueologia para a genealogia (MARTINS; AMARAL, 2011, p. 94).

É importante destacar que a opção por essa literatura direciona e limita o pensamento de Foucault. Essa seleção se faz necessária uma vez que a obra do filósofo, além de vasta, não propõe analisar o “conceito de poder” através de uma abordagem “generalizante” ou mesmo “totalizante”. Em outras palavras, percebe-se que a obra de Foucault congrega múltiplos significados sobre o poder em razão de que sua teorização está sempre “subordinada a um objetivo de emancipação particular” (LAMAZIÈRE, 2017).

### **As exclusões do discurso: Michel Foucault e a relação saber-poder**

Temor e inquietação talvez fossem alguns dos sentimentos de Michel Foucault ao proferir a aula inaugural no Collège de France, em 1970. As quatro primeiras páginas transcritas posteriormente no livro *A ordem do discurso* mostram um filósofo atento e extensamente preocupado com a teoria que estava a ser divulgada. Isso porque, através dela, abria-se um novo caminho para a compreensão do papel dos sujeitos e das instituições na manutenção da ordem do poder (FOUCAULT, 1996, p. 5-6).

Permeado pelas questões que surgiram no início de seus estudos, nos anos entre 1950-1955, cujos problemas mais habituais eram “o estatuto político das ciências e suas funções ideológicas” (FOUCAULT, 1979, p. 5), em *A ordem do discurso* o filósofo conseguiu deslocar sua reflexão sobre a construção e interação de um conjunto de enunciados e sua relação com o regime interior de poder no fazer científico, para o âmbito dos discursos construídos socialmente e sua relação com a cristalização de regimes de verdade e poder. Assim Foucault apresenta sua hipótese:

[...] do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Investigando os “sistemas de exclusão que atingem o discurso”, Foucault identificou pelo menos três práticas externas ao discurso: *a interdição, a separação e a*

*vontade de verdade* (FOUCAULT, 1979, p. 19). Segundo o autor, a interdição é o mecanismo mais familiar e se apresenta em temas como a sexualidade e a política, é através dela que logo se revela a ligação entre o discurso, o desejo e o poder. Dessa forma, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Outro princípio externo de exclusão do discurso apontado por Foucault, e que se faz presente em nossa sociedade, é o da separação-rejeição. Ela se expressa através da oposição entre a razão e a loucura. Através de exemplos claros, o autor demonstra que em distintas ordens históricas a palavra do louco foi separada ou rejeitada.

É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão ingênua e astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia (FOUCAULT, 1996, p. 13).

Um último sistema externo de exclusão ainda pode ser observado nas linhas transcorridas de Foucault em *A ordem do discurso*. A vontade de verdade, como aponta o filósofo, pode ser considerada um sistema de exclusão. Ela é historicamente construída, remonta ainda ao período da filosofia clássica, a partir da chamada divisão platônica, e estabelece a cisão entre o discurso verdadeiro e o falso. Ainda conforme aponta o autor, essa vontade de verdade não cessou de se deslocar durante os séculos, como se ela tivesse sua própria história.

Esse último sistema externo de exclusão é reconduzido pelo modo com que o saber é aplicado em uma sociedade, ou mesmo valorizado, distribuído e repartido. Apoia-se, sobretudo, em um sistema institucional que o alimenta por um conjunto de práticas pedagógicas, sistema de livros, edições, bibliotecas e laboratórios. Para Foucault, a vontade de verdade tende a englobar cada vez mais as outras formas externas de exclusão do discurso, uma vez que ela congrega na sociedade contemporânea diversos suportes nas vias institucionais (FOUCAULT, 1996, p. 14-20).

Os procedimentos externos de controle e delimitação dos discursos funcionam como sistemas de exclusão e, seguindo a teoria apresentada, colocam em jogo o poder e

o desejo (FOUCAULT, 1996, p. 21). Mas não existem apenas procedimentos de exclusão externos aos discursos. Há também os sistemas internos:

[...] os discursos, eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso (FOUCAULT, 1996, p. 21).

Também são três os procedimentos internos de exclusão dos discursos apontados por Foucault: o comentário, o autor e a disciplina. O comentário produz um desnível entre o chamado texto primeiro, que seria aquele escrito original, atualizável permanentemente, e o texto segundo, derivado da atualização: uma releitura social distinta do contexto da obra original. O comentário exerce o papel de reatualizar, explicar as técnicas, “dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (FOUCAULT, 1996, p. 25). É como se esse processo permitisse ao comentário dizer algo além do texto mesmo.

A função do autor é apresentada como outro “princípio de rarefação do discurso” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Seguindo o argumento, o autor não é o indivíduo que falou, pronunciou ou escreveu o texto. Ele é o princípio de agrupamento do discurso, uma unidade de origem que carrega significações, um foco e coerência. “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 1996, p. 28).

Por fim, as disciplinas se configuram como outro princípio de limitação. Elas são opostas ao princípio do autor porque são alimentadas por “uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele” (FOUCAULT, 1996, p. 29-30). Também são opostas ao comentário uma vez que nelas não há um sentido a ser redescoberto, ou uma identidade para ser repetida. “Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas” (FOUCAULT, 1996, p. 30).

A disciplina se configura como um sistema de controle da própria produção discursiva. Ela estabelece os limites daquilo que deve ser aceito, ou não, no interior das múltiplas ciências. Ao mesmo tempo, suas regras permanecem em constante atualização. Como exemplificado por Foucault:

é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma polícia discursiva que queremos reativar em cada um de nossos discursos (FOUCAULT, 1996, p. 35).

Um terceiro e último grupo de procedimentos apresentados pelo autor é dos que permitem o controle do discurso. Um conjunto de condições que determinam seu funcionamento. Pressupõe, então, que nem todas as regiões do discurso são abertas e penetráveis: “Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 37).

O ritual é o sistema mais visível desse aspecto da rarefação do discurso. Ele estabelece a qualificação que os indivíduos que falam devem ter, como devem se portar manejando gestos, comportamentos e circunstância:

os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Nascem as “sociedades de discurso”, que produzem discursos voltados para seus próprios círculos restritivos, para aqueles que dominam uma série de funções e regras estabelecidas. Segundo argumenta Foucault, essas sociedades com “jogos ambíguos de segredo e divulgação” não existem mais. Todavia, na sociedade do discurso verdadeiro e publicado, supostamente livre de rituais, permanecem algumas formas de apropriação e segredo. “Lembremos o segredo técnico ou científico, as formas de difusão e de circulação do discurso médico, os que se apropriam do discurso econômico ou político” (FOUCAULT, 1996, p. 41).

Mesmo tendo feito essa série de divisões entre os esquemas, é necessário frisar como se constituem complexos os jogos de poder que se estabelecem no interior dos discursos. Foucault deixa claro que a separação entre os rituais da palavra, as sociedades de discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais são balizas tênues que estão interligadas o tempo todo e constroem “uma espécie de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam, nos diferentes tipos de discurso, e a

apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 1996, p. 44-45).

O jogo sistêmico de apresentação de elementos exteriores e interiores de exclusão do discurso atendem a uma fase do pensamento de Michel Foucault. O filósofo claramente se preocupa em demonstrar o elo entre sua metodologia arqueológica e genealógica.

Ao investigar como determinadas práticas e enunciados se tornam verdades, o filósofo desvendou as regras que permitem que algo apareça como objeto estabelecendo e identificando a regularidade discursiva (FOUCAULT, 1979). Mas as interdições que atingem o discurso revelam sua ligação com o desejo e o poder. Portanto, a função do discurso não é apenas expressar um saber, mas também exercer o poder.

A relação entre discurso e poder revela que o poder não está localizado em um ponto específico, ou em uma estrutura social, da mesma forma que ninguém é detentor e controlador direto do poder (VANDRESEN, 2008, p. 08-10). Portanto, a agenda foucaultiana passa a ser atravessada pelo método genealógico, ou seja, pela história das condições de possibilidades do discurso, uma vez que “a genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potencia antecipadora de um sentido, mas o jogo causal das dominações” (FOUCAULT, 1979, p. 16).

É através do método genealógico que Foucault faz a constatação de simbiose entre o poder e o discurso. “O discurso pode ser ao mesmo tempo instrumento e efeito de poder [...]. O discurso veicula e produz o poder, reforça-o, mas também o mina” (VANDRESEN, 2008, p. 8-10). Ou seja, o discurso produz e se materializa na realidade, ele é um dos mecanismos que produz poder.

Assim, como fez nesta primeira obra analisada, Foucault não cessou de denunciar outra técnica de exercício de poder em *Vigiar e punir*. Desta vez a ascensão, ainda na época clássica de uma sociedade disciplinar, foi responsável direta pela formalização de corpos cada vez mais vigiados, úteis e dóceis.

### **O efeito criativo do poder disciplinar: a produção de corpos úteis e dóceis**

Segundo Foucault, durante a época clássica uma nova escala de controle dos corpos emergiu, não se tratava mais de cuidar deles como massas, mas trabalhá-los



cuidadosamente, exercer uma coerção sem folga. Os novos métodos, que o autor nomeou como disciplinas, prescreveram ao corpo sua sujeição constante, impondo a ele uma relação de docilidade-utilidade.

A disciplina é justamente a responsável por aumentar as forças do corpo em termos de utilidade econômica e diminuir sua capacidade de manifestação política. Ela consegue dissociar o poder do corpo. A invenção dessa nova anatomia política é um processo que se origina de diferentes formas e localidades, distinções, aproximações e imitações de regras, e esboçam aos poucos um modelo geral. Elas se aplicaram aos poucos nos colégios, espaços hospitalares e na reestruturação da organização militar. Portanto, o objetivo de Foucault é demonstrar e localizar uma série de exemplos das técnicas mais essenciais e elementares que de alguma forma se generalizaram.

Em primeiro lugar, a disciplina procede distribuindo os indivíduos no espaço e, para isso, se utiliza de alguns instrumentos. Princípios como o cercamento, clausura, localizações funcionais e filas buscam transformar as multidões confusas, inúteis e perigosas em uma multiplicidade organizada. Formam as condições básicas para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos. É “a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar de celular” (FOUCAULT, 1987, p. 127).

A disciplina também impõe o controle de atividades. O horário é sua primeira forma. Segundo Foucault, este elemento é uma velha herança, e seus três grandes processos são estabelecer censuras, obrigar a ocupações determinadas e regulamentar os ciclos de repetições. O horário é precedido por uma complexa elaboração temporal segundo a qual se estabelece uma decomposição do corpo, determinando cada movimento e direção. “O tempo penetra o corpo e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 1987, p. 129).

Mas o controle não consiste apenas em ensinar ou impor uma série de gestos definidos. Impõe-se também uma relação entre os gestos e a atitude do corpo vislumbrando cada vez mais eficácia e rapidez.

No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. [...] O corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente (FOUCAULT, 1987, p. 129-130).

A disciplina também define a relação entre corpo-objeto, ela estabelece a engrenagem que interliga um e outro. “Sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem introduzir, amarra-os um ao outro” (FOUCAULT, 1987, p. 130). Por fim, a disciplina também reconfigurou a utilização do tempo, ela organizou uma economia positiva. Fez com que através da organização interna, cada vez mais detalhada, se buscasse um ponto ideal entre o máximo de rapidez e eficiência.

[...] através dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai-se compondo lentamente substituindo o corpo mecânico – o corpo composto de sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem tanto apavora os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar (FOUCAULT, 1987, p. 132).

O controle disciplinar só pode se desenvolver graças ao uso sistemático de instrumentos, como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação com o processo constante de exame. Durante a época clássica, foram construídos lentamente diversos observatórios com o intuito de possibilitar a vigilância completa dos indivíduos submetidos a disciplina.

A arquitetura deixou de ser elaborada para ser vista e apreciada como nas construções de faustos e palácios. Também não correspondia mais à necessidade de vigiar o espaço exterior como na geometria das fortalezas. Ela agora passou a ter que responder à necessidade de um controle interno altamente articulado e detalhado para “agir sobre aquele que abriga, dar domínio de seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos de poder [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 144).

Todavia, a vigilância não se faz apenas de modo hierarquizado, de cima para baixo, mas também possui um caráter horizontal, onde uns vigiam os outros. Por isso, o poder disciplinar pode ser absolutamente indiscreto, está em toda parte e sempre em alerta, mas ao mesmo tempo pode se apresentar discreto, pois funciona permanentemente e, em grande parte, em silêncio.

A vigilância implica no estabelecimento de uma sanção normatizadora que nada mais é, segundo Foucault, que um pequeno mecanismo penal. Esse pequeno tribunal estabelece ações através de um sistema duplo de gratificação e punição. Ele tem a

função primordial de reduzir as falhas no comportamento, na disciplina, sendo essencialmente corretivo.

As disciplinas estabelecem uma infra-penalidade; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapa aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 1987, p. 149).

Por sua vez, o exame é a junção entre as outras duas funções apresentadas anteriormente: a vigilância e a sanção normatizadora. Ao mesmo tempo que é um controle normatizante e normalizante, também faz parte da vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Ele está no centro dos processos “que constituem os indivíduos como efeito e objeto de poder”. Sua combinação com a vigilância hierárquica e a sanção normatizadora executam as grandes funções da disciplina de repartição e classificação, da máxima extração das forças e do tempo, de acumulação genética, de composição das aptidões. Eis então a fabricação da individualidade celular, orgânica e genética. É através do exame que se materializa o maior ritual das disciplinas (FOUCAULT, 1987, p. 160):

É por isso que em todos os dispositivos da disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vem-se a reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. [...] Mais uma inovação da era Clássica que os historiadores deixaram na sombra. [...] Nessa técnica delicada estão comprometidos todo um campo de saber, todo um tipo de poder (FOUCAULT, 1987, p. 154).

Depois de apontar as condições de possibilidade sobre as quais surgiu o mecanismo da disciplina, assim como em *A ordem do discurso*, Foucault demonstrou que sua concepção de poder está imbricada com as noções de efeitos. No caso do discurso, através dos mecanismos de interdição e exclusão cria-se uma ordem que delimita os sujeitos que falam e são ouvidos. Em *Vigir e punir*, a formatação de corpos úteis e dóceis são efeitos do poder disciplinar.

Sendo assim, fica evidente que nas duas obras aqui observadas, ainda que Foucault não apresente uma teoria de funcionamento do poder, ele o considera como causador e produtor de realidades múltiplas e multifacetadas. Portanto, o poder se torna visível através de suas várias facetas, suas múltiplas ressignificações elaboradas no

berço das relações sociais. Deriva daí a proposta do filósofo de que se desenvolva não mais uma única luta universal contra a dominação, mas muitas lutas específicas radicais que não se comprometam com a reforma e a reorganização das formas de poder (FOUCAULT, 1979, p. 460).

## **Conclusão**

A falta de uma definição para o conceito de poder nas obras de Foucault aqui abordadas responde a um objetivo claro do filósofo: demonstrar que o poder está em constante mutação, além do que se apresenta em pontos complexos e diversos. Portanto, Foucault não tem a pretensão de digressar sobre uma teoria do poder, mas é evidente que o filósofo não deixou de apresentar contribuições no campo interpretativo sobre as formas e mecanismos do poder.

As próprias teses de Foucault, tanto em *A ordem do discurso* quanto em *Vigiar e punir*, revelam que os objetos por ele analisados são e estão impregnados por relações de poder. No discurso essa relação se apresenta em processos de exclusão internos e externos. Já a mutabilidade dos procedimentos de vigilância e punição evidencia uma nova relação de poder fruto da sociedade moderna e da emergência dos métodos disciplinares.

As variações e a fluidez das relações de poder em Foucault dizem respeito principalmente ao que se nomeia como condição de possibilidade. O poder se estabelece, se tenciona e se retrai de acordo as condições que encontra no seio das vibrações da sociedade. Nesse sentido, para nós a maior contribuição das interpretações foucaultianas que se referem aos exercícios de poder, suas formas, causas e efeitos talvez seja a prática constante da denúncia. Seguramente essa denúncia pode e deve observar os elos que amordaçam os sujeitos sociais, mas precisa também dizer como esses elos se constituem e se fixam.

As leituras de Foucault propiciam em nós um conflito dilacerante, destitui a visão de que os exercícios de poder se fazem por um ponto específico ou um lugar central. Coloca-nos como parte da engrenagem que destitui, mas também alimenta novas formas de poder. Aponta para novas formas de lutas localizadas pelo fim dos mais variados tipos de dominação.

## Referências bibliográficas

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, p. 367-383, abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

JULIÃO, José Nicolao. A presença de Nietzsche na arqueologia e genealogia foucaultiana. *Pensando*, Piauí, p. 254-269, 2017.

LAMAZIÉRE, Christiana. *Problematizando o conceito de poder em Foucault e suas consequências para pensar o político na Teoria de Relações Internacionais*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARINHO, Cristiane Maria; FERNANDES, Dorgival Gonçalves *et al.* Dossiê Michel Foucault: o pensamento de Michel Foucault em nosso tempo de agora. *Revista Dialectus*, ano 4, n. 11, ago.-dez. 2017.

MARTINS, Guilherme Paiva; AMARAL, Marcela Carvalho. A genealogia do poder em Foucault: as práticas discursivas e a sociedade disciplinar. *Prisma Jurídico*, v. 10, 2011.

MORAES, Lygia Quartim de Moraes. Em torno do “sujeito” e dos processos de sujeição: Althusser, Foucault e Judith Butler. *XXXI Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, MG, 22-26 out. 2007.

NORBERTO, Marcelo S. Sartre e Foucault: reminiscências do presente. *O Que nos Faz Pensar*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 92-108, dez. 2011.

VANDRESEN, Daniel Salésio. *O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008.

WEFFORT, Francisco C. (org.). *Os clássicos da política*. 14. ed., v. 1. São Paulo: Ática, 2011.